

J.D.: O que vem fazendo o Serviço Social em favor da população desfavorecida?

David Boianovsky: Em primeiro lugar, é preciso que se entenda que um Serviço Social precisa se determinar segundo um padrão de raciocínio, de política de ação, que possa permitir então o planejamento social, que é uma coisa que raramente se faz na área social. Isto porque até hoje não se sabe, ainda não se domina um método claro de planejamento social, por um lado, que geralmente é apanágio da área econômica. E por outro lado, em virtude do somatório de variáveis que envolvem o problema social, muitas das quais são de controle até difícil, e que fazem com que as pessoas trabalhem sob pressão, impedindo certos planejamentos. Então, nós tomamos como deliberação o seguinte: estabelecer um critério de planejamento de ações, e estabelecer uma forma sobre como entrar no problema social e o que é que nós consideramos como mecanismo de prioridades. Ai estabelecemos o seguinte raciocínio: primeiro, a população que é cliente nossa é cliente por uma razão fundamental, chamada "renda insuficiente". Se a renda fosse suficiente, raramente um indivíduo como esse poderia ser cliente do Serviço Social na forma como é concebido o Serviço Social e que está contida em sua própria pergunta, ou seja, o que faz o Serviço Social em favor da população desfavorecida? Desfavorecida de quê? Desfavorecida de renda, porque a renda é que lhe permitiria ser favorecida de uma série de outras coisas.

J.D.: Já que o fator renda é o responsável, qual seria então a solução encontrada pela Secretaria de Serviços Sociais para atender essas pessoas?

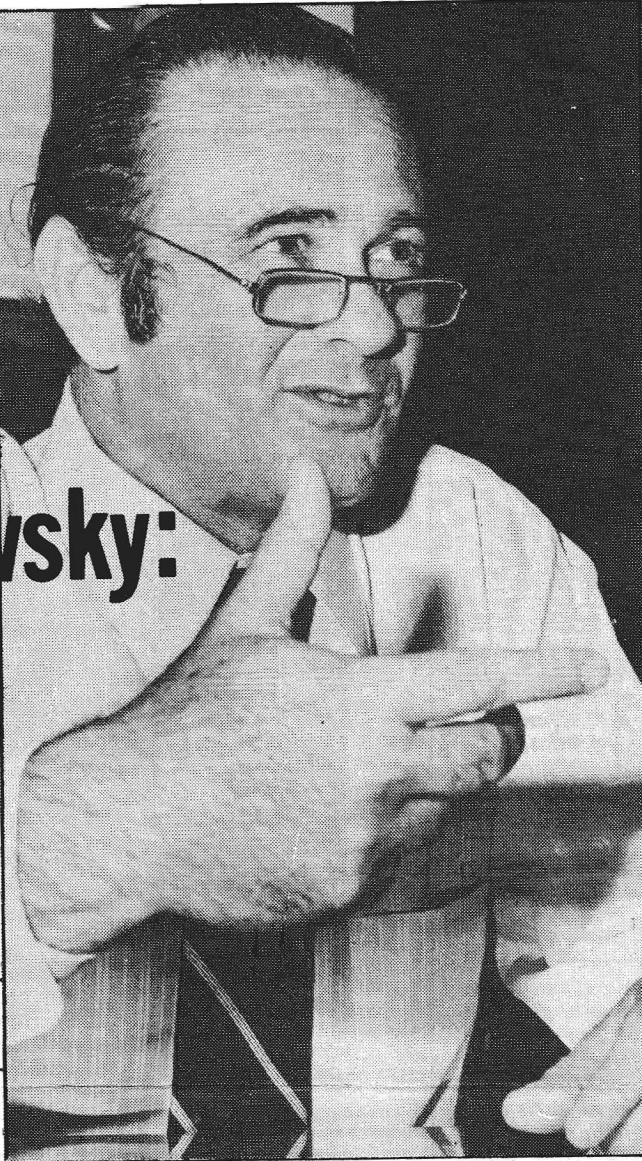
David Boianovsky: Bem, a solução seria ter renda suficiente. Agora, a geração de rendas depende do desenvolvimento econômico, consequentemente, a solução última e definitiva não está nas mãos do Serviço Social, e sim na área econômica.

J.D.: O que significa que se todo mundo tivesse pleno emprego e renda, não haveria necessidade do Serviço Social?

David Boianovsky: Por isso mesmo, sabendo que o fator renda que é o fundamental, nós passamos a analisar o problema da seguinte maneira: o indivíduo é nosso cliente porque tem o fator da insuficiência de renda, e nós temos que procurar atuar o máximo possível sobre essa condição para melhorar o padrão de vida dele. Então, de que forma o Serviço Social pode atuar, não sendo um gerador propriamente dito do desenvolvimento econômico e de renda? Buscando o máximo de oportunidades possíveis para que esse indivíduo, ou família, tenha mais rendas, se for possível, e ao mesmo tempo reduzindo os seus custos, de tal forma que a renda seja mais protegida e consequentemente se torne maior. Há duas maneiras de aumentar a capacidade aquisitiva: uma ganhando mais, e outra, gastando menos. Ora, a população de baixa renda, nossa cliente, é submetida não apenas ao processo de dificuldades pela própria insuficiência de renda, mas isso gera também um outro fator que faz com que ela acabe gastando mais do que

O secretário de Serviços Sociais do GDF fala sobre os problemas das classes menos favorecidas

David Boianovsky: "Quem ganha pouco acaba gastando mais"



O secretário do Serviço Social do GDF, Dr. David Boianovsky, tem marcado a atuação de sua pasta sobre duas determinantes básicas: criar o máximo de oportunidades, tanto quanto possível, de aumento de renda das famílias menos favorecidas e procurar reduzir, ao mesmo tempo, os seus custos. Segundo o secretário, a população de baixa renda paga mais pelos produtos de primeira necessidade, gasta mais com saúde e com transporte, o que gera uma

processo de esvaziamento de renda. Como então que uma Secretaria que não gera recursos e desenvolvimento econômico pode contribuir com o aumento de renda dessas famílias, e ainda atenuar os seus custos de vida? Nesta entrevista, o secretário David Boianovsky, que é também médico nutricionista, fala dos projetos do Serviço Social do GDF, desde a assistência ao migrante até o de cuidar de crianças pequenas para que as mães possam trabalhar, e ainda sobre o treinamento de domésticas e babás que depois são colocadas no mercado de trabalho.

normalmente seria de se esperar, passando por um processo de esvaziamento de renda. Isso no meio urbano, a começar, primeiro, pelo distanciamento — a população de baixa renda vai morando nas periferias mais distantes das cidades, e isso faz com que eles fiquem distantes do abastecimento mais centralizado e consequentemente mais barato. Passam a pagar mais até pelos produtos de primeira necessidade o varejo dessa área periférica acabam vendendo as coisas a preços mais caros do que aqueles que nós compramos aqui nas áreas mais centrais. Segundo, o problema de saúde, por exemplo. Eles estão tão afastados que, ao primeiro sinal de uma enfermidade, procuram resolver com recursos próprios, e quando a coisa não dá certo ai é que vão procurar um Serviço de Saúde. O transporte também é mais caro; se eu tomar um táxi para ir daqui pra casa eu pago bandeira um,

mas se uma pessoa quiser ir para Planaltina, vai pagar bandeira dois. Então há toda uma série de circunstâncias dessa natureza que fazem com que o indivíduo, além de já ser de baixa renda, ainda tenha certos custos maiores. Nós procuramos atuar de tal maneira, que, primeiro seja possível criar o máximo de oportunidades possíveis dentro das características da cidade para que a renda familiar aumente. E segundo, criar o máximo de meios possíveis para que as despesas diminuam.

J.D. E como é que vocês estão atuando no aumento da renda familiar?

David Boianovsky: Primeiro estamos aproveitando uma característica, até muito interessante, de Brasília, que é a oportunidade de trabalho para a mulher fora do lar. Brasília tem uma população no Plano

Piloto de elevado poder aquisitivo, talvez, o maior poder aquisitivo médio, per capita, do Brasil. Isso facilita a essas pessoas o pagamento de serviços prestados, seja para limpeza, ou para cuidar de crianças, ou cozinhar, etc. Além disso, existe também uma outra oportunidade em virtude da organização econômica de Brasília, que tem 85 por cento dos empregos colocados no setor terciário, de comércio e serviços, o que também facilita um pouco o acesso de uma segunda pessoa da família, ao trabalho. Acontece então que nós nos preparamos, procuramos ampliar o mercado de trabalho dessas senhoras das cidades-satélites para virem ao Plano Piloto oferecerem os seus serviços.

J.D. E aonde é dado o treinamento essas senhoras?

David Boianovsky: É dado nas cidades-satélites, como por exemplo, cursos de caixa de supermercado, empregadas domésticas, babás, cozinheiras, curso de manicure, isso nós temos também na Granja das Oliveiras onde fica o Centro de Treinamento de Menores.

J.D.: Vocês treinam adultos e alguns menores e depois arranjam colocações no mercado de trabalho?

David Boianovsky: Colocamos através do SINE — Sistema Nacional de Emprego, que temos em convênio com o Ministério do Trabalho, e inclusive para domésticas nós sempre temos mais ofertas de vagas do que para gente que quer trabalhar. No treinamento nós contamos com o apoio do Senac, do Senai, do SESI da LBA, de uma série de cursos que essas instituições mantêm. Bem, mas ocorre o seguinte: essa mulher, se tiver filhos para cuidar, não terá como sair de casa para trabalhar, se os filhos estiverem nos primeiros anos de vida. Então nós criamos um sistema de creches domiciliares mediante o qual nós cuidamos dessas crianças e colocamos a mãe no trabalho. Com isso damos cobertura àquelas duas linhas de atuação sobre o fator renda, a que eu me referi no inicio: primeiro, conseguir mais uma renda através da colocação da mulher, que somará então a sua renda à do marido, e ao mesmo tempo, transferir cuidados para a criança, reduzindo portanto o custo que essa criança tem em virtude de doenças, principalmente, que são muito intensas. Mas há ainda uma série de outros trabalhos dentro da Secretaria de Serviços Sociais que visam o aumento de renda, e outras atividades que visam a redução do esvaziamento, como os Centros Bem-Estar do Menor, que hoje atendem cinco mil menores. Ali, o menor é convidado a passar umas horas do seu dia, fora do horário escolar, e recebe uma complementação alimentar, esportes, e ficando assim menos sujeito às influências da rua. E há ainda outros projetos mais que constituem no seu conjunto a totalidade de projetos que nós executamos, desde a assistência ao migrante até essa de cuidar de crianças pequenas para que a mãe possa trabalhar e que no seu somatório visam proteger a renda existente reduzindo os custos e, ao mesmo tempo, ampliar da melhor forma possível a oportunidade de empregos ou de rendas adicionais. (Beth Costa)